

XVII ARQUIVOS POÉTICOS: REGISTROS E REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS CRIATIVOS

XVII ARCHIVOS POÉTICOS: REGISTROS Y REFLEXIONES SOBRE EL PROCESO CREATIVO

Ana Dumas / UFBA
Andreza Pires / UFBA
Rogeria Maciel / UFBA
Viga Gordilho / UFBA

RESUMO

Obra coletiva, inerente ao processo criativo da disciplina intitulada *Documentos de Percurso*, ministrada por Viga Gordilho no PPGAV/EBA/UFBA em 2017, tendo como provocação uma caixa de fósforos. Entre memórias, experiências autobiográficas e conceituais, como o próprio subtítulo da mencionada disciplina propõe, o projeto reuniu registros e reflexões a partir da construção de XVII ARQUIVOS POÉTICOS, de 09 discentes, somando-se aos de 08 membros do grupo de pesquisa MAMETO CNPq. Na proposta, desafiou-se a visibilidade do pensamento visual operado em sintonia entre prática (experimentos, rabiscos, fotografias, desenhos, objetos) e teoria (textos de artista, anotações, diários e leitura expandida), em um movimento pendular, entre razão e emoção, entrecruzando MATÉRIA, MEMÓRIA e CONCEITO.

PALAVRAS-CHAVE

Fósforo, memória, coletivo.

RESUMEN

Obra colectiva, inherente al proceso de creación de la asignatura *Documentos de Percurso*, impartida por Viga Gordilho en el PPGAV/EBA/UFBA en 2017, teniendo como mote una caja de fosforo. Entre memorias, experiencias autobiográficas y conceptuales, como el propio subtítulo de la mencionada asignatura propone, el proyecto, reunió registros y reflexiones partiendo de la construcción de XVII ARCHIVOS POETICOS, de 09 estudiantes, juntándose a 08 miembros del grupo de investigación MAMETO CNPq. La propuesta desafía la visibilidad del pensamiento visual operado en sintonía entre practica (experimentos, garabatos, fotografías, diseños, objetos y teoría (textos de artista, anotaciones, diarios y lectura expandida), en un movimiento pendular, entre razón y emoción, entrecruzando MATERIA, MEMORIA y CONCEPTO.

PALAVRAS CLAVE

Fosforo, memoria, colectivo.

Esta proposta é inerente à finalização da Disciplina Documentos de Percurso, sob a docência de Viga Gordilho, no Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (PPGAV, EBA, UFBA), em 2017.

Como o próprio subtítulo da mencionada disciplina propõe, ela objetiva a produção de registros e reflexões em processos criativos, a partir da construção de XVII ARQUIVOS POÉTICOS por 09 estudantes nela matriculados (Aislane Nobre, Ana Dumas, Anderson Falcão, Andreza Pires, Fabio Salmeron, Lívia Fauaze, Lucas Alves, Rogéria Maciel, Úrsula Quaresma), acrescidos de 08 integrantes do grupo de pesquisa MAMETO CNPq (Hugo Fortes, José Henrique Barreto, Luiz Claudio Campos, Marcillene Ladeira, Mike Sam Chagas, Vladimir Oliveira e Wagner Lacerda), liderados pela referida docente, a qual atuou também como artista-curadora. Cada arquivo foi formatado com suas características individuais e peculiares e apresentado ao público em uma mostra processual, de 27 de março a 7 de abril de 2017, na Galeria do Aluno da EBA, Escola de Belas Artes da UFBA.

Para promover as inventações criativas, apropriando-se do tema do 26º Encontro da ANPAP, foram desafiadas percepções individuais, tendo-se como mote um objeto de uso cotidiano – uma caixa de fósforos. Nessa perspectiva, o pensamento visual de cada artista-pesquisador foi riscado em práticas distintas, as quais, por sua vez, dialogaram com códigos, estruturas, materializações e suportes livres. Nesse sentido, revelaram as engrenagens e sentidos que enriquecem a dinâmica da arte, com sintonia entre prática (experimentos, rabiscos, fotografias, desenhos, objetos, vídeo, fotografia...) e teoria (textos de artista, anotações, documentos, diários e leitura expandida de livros escolhidos individualmente pelos integrantes).

No movimento pendular entre razão e sonho, MATÉRIA, MEMÓRIA e CONCEITO se entrecruzaram em fluxo e refluxo de um tempo em gerúndio, pois os ARQUIVOS referenciados foram complementados durante o período expositivo, como se pontuou anteriormente – em mostra processual –, incentivando-se, assim, modificações que geraram interações constantes.

Nessas vertentes, discutiram-se alguns nomes cujas obras tiveram caixas de fósforos, como força motriz para construção de um projeto, a exemplo do artista baiano José Bento (1962). Esse artista apresentou, na 32ª Bienal de São Paulo, a obra *Do pó ao pó*, expressão utilizada no século XVII pelo filósofo padre Antônio Vieira, em seu “Sermão de Quarta-Feira de Cinzas”, no qual afirma que “O homem foi pó e há de ser pó”. Bento utilizou madeiras dos biomas brasileiros, em 25 composições, cada uma sobre um pé de camelô com tampo, em um conjunto de caixas de fósforos. As madeiras usadas, de diferentes espécies arbóreas, foram e são comercializadas, suscitando outras questões conceituais e filosóficas, como vida e morte, permanência e efemeridade, indiciando o ciclo da existência material, conseqüentemente, enfatizando “a relação entre o ser e o tempo”, como nos situa Bernardo Mosqueira, no catálogo da mencionada Bienal. (MOSQUEIRA, p. 217, 2016).

Outra obra que também foi discutida em nossos encontros presenciais foi a de Antônio Társis de Jesus Miranda, apresentada na Exposição *Prêmio Energias na Arte*, no Instituto Tomie Ohtake, de 9 novembro a 4 dezembro de 2016, em que a caixa de fósforo aparece nas colagens e fotografias do referido artista.

Com essas reflexões primevas, compartilhamos, neste artigo, algumas narrativas em artes visuais que foram criadas no referido curso da disciplina, a partir das relações subjetivas possíveis de traçar com o foco de pesquisa de cada um. Salienta-se que, sendo o grupo parcialmente formado por mestrandos e doutorandos de artes visuais e *design*, isso poderia provocar uma diluição de fronteiras entre essas duas linhas, relacionando-se ao caráter utilitário e efêmero do supracitado objeto. É possível acentuar-se também o antagonismo presente na caixa de fósforos, ou seja, ela é capaz de acender uma chama para oração, mas é também capaz de promover um incêndio. Assim, outros distintos conceitos centrados nas palavras “luz”, “cinzas”, “escuridão”, “estética”, “componentes químicos” e outras foram capazes de despertar cadeias associativas na construção de cada trabalho, gerando interessantes campos de transdisciplinaridade, buscando-se também possibilidades de palimpsestos (do grego:

aquilo que se raspa para escrever de novo) e de metamorfoses, no sentido de transformação.

Inicialmente, trazemos um pequeno texto da discente Ana Dumas, para melhor compreensão da proposta:

O que vocês vieram buscar aqui?, provocou a professora Viga Gordilho, já no primeiro dia de aula da disciplina Documentos de Percurso. Naquele instante, pensei baixinho: em busca de luz para meus processos criativos. Por coincidência, logo depois da pergunta e das apresentações dos alunos, mais uma provocação: de olhos fechados, recebemos um objeto para tocarmos e identificarmos, através do toque, odor, sabor e som, do que se tratava. Era uma caixa de fósforos pequena, da *Fiat Lux*, com o desenho de uma bailarina na frente. Um mote para desenvolvermos um processo de investigação artística, tendo como foco o nosso percurso criativo.

Com esta provocação inicial, discutimos sobre os distintos conceitos suscitados na referida experiência: efemeridade, tecnologia, iluminação, estética, design, dentre outros. Mas, desde o primeiro contato com o referido objeto, a chama do fósforo, tão efêmera, fez “acender” na minha memória uma frase do meu pai, repetida exaustivamente, como um mantra, durante anos: “Minha filha, minha chama está se apagando”.

Assim, o processo criativo foi “dançando” no meu imaginário sob três pontuações: a matéria (uma caixa de som); memória (o mantra do meu pai, “minha chama está se apagando”, que deu título à obra); o conceito (a transitoriedade da vida). (Anotações da autora em 24.11.2016).

A primeira ideia de Ana Dumas para materializar o pensamento foi a elaboração de um vídeo com a Figura de um palito de fósforo queimando, enquanto a voz de seu irmão ecoava: “Minha filha, minha chama está se apagando”. No processo, Dumas queimou centenas de fósforos gravando a cena. Selecionou uma gravação e manipulou digitalmente em programa de edição de vídeo, o *Final Cut Pro X*. Aplicou um efeito de vídeo para criar um círculo em volta do fósforo queimando, no mesmo molde do círculo em volta da bailarina existente na caixa original. Acrescentou o áudio com a voz e aplicou um efeito, no caso, *eco* e *reverb*, potencializando a ideia de repetição, tal como o mantra proferido por seu pai. Segundo Dumas, as apropriações desses efeitos remeteram-na imediatamente à afirmação de Ferreira: “a cultura se dirige contra o

esquecimento”(FERREIRA apud SALLES, 2003, p.76.). Nesse formato, o processo de criação inserido na memória, parafraseando Cecilia Salles, alcançou o âmbito coletivo, como mecanismo de conservação, transmissão e elaboração de novos textos. Após o processo quase concluído, como ainda incomodava Dumas o fato de ele ser uma obra fechada e perene, ela concluiu:

Do chão da minha sala, uma pequena caixa de som me olhava. Seu formato horizontal remeteu-me ao formato horizontal da supracitada caixinha de fósforos. Decidi que a obra já não seria um vídeo, mas um objeto instalado, de caráter mais aberto, efêmero como a própria chama do palito de fósforo. A partir de outra provocação – palimpsesto – decidi juntar tudo no mesmo trabalho. Como num espetáculo de dança, gravei e editei o vídeo, mas a “bailarina” principal (semelhante àquela impressa na caixa de fósforos) foi selada para entrar com outros elementos e técnicas, como texto, som, colagem, palimpsesto. O segundo passo de “dança” foi fotografar a caixa de fósforos e fazer uma impressão ampliada da foto da caixa. Inspirada pelo conceito e estética *punk*, aí veio a colagem: recortei as frases e palavras que tinham conexão com a ideia de efemeridade e colei no fundo da caixa de som. O vídeo, inicialmente, entraria através do celular, colado na caixa de som. Suas bordas foram mascaradas com papel adesivo preto. A caixa de som virou uma caixa de fósforos estilizada, uma caixa de fósforos multimídia. Ou um novo texto, como diria Salles. A instalação se completou com intervenções durante a apresentação. Dei *play* no vídeo do celular e, enquanto a voz do meu irmão repetia em *loop* o mantra do meu pai (“Minha chama está se apagando”), troquei a letra “a” de moça pela letra “o” e a palavra moça virou moço. Na frase “40 fósforos de segurança”, substituí a palavra fósforo por vidas. E na colagem “Produto não perecível”, arranquei a palavra “não”, transformando a frase em “Produto perecível” (ver Figura 1). (Anotações da autora em 08.12.2016)



Figura 1 – Ana Dumas, Estudo preliminar *Minha chama está se apagando*.

Na segunda etapa do processo, Dumas metamorfoseou o objeto, transformando-o em outra coisa. Então fez o caminho contrário: a estética da caixa de som transformada em caixa de fósforos estilizada. Usou, assim, uma nova caixa, dessa vez em tamanho

grande e com palitos extralongos, mas manteve a marca *Fiat Lux*. Escaneou a caixa de fósforos e alterou digitalmente a Figura, utilizando o programa de edição Photoshop. Alterou, assim, o contraste da Figura, como fez na caixa de som. Algumas frases foram modificadas: onde se lia “Extra longo”, leia-se “Extra breve”; onde se lia “50 fósforos de segurança”, leia-se “01 vida de insegurança” (Figura 2).



Figura 2 – Processo de trabalho: comparação entre a caixa e a obra *Curta sua curta chama*.

Nesse percurso, Ana Dumas chega à sua obra final, apresentando, na Galeria, uma Instalação multimídia em suportes variados, como se observa na Figura 3, onde o carrinho multimídia agrega conceitos, sons, palavras, colagens, transformando-se em uma instalação em movimento, e o vídeo aparece em um *tablet* acondicionado em uma moldura antiga que anteriormente abrigava uma foto de seu pai.



Figura 3 – Ana Dumas, *Minha chama está se apagando*.

Já Andreza Pires “acende” o seu processo com o vídeo “*Fiat*”, palavra em latim que significa “faça-se”, relacionada à luz (*lux*), e nomina também a marca da caixa de fósforos utilizada, *Fiat Lux*. Segundo as palavras da própria artista:

Tendo o cabelo como objeto matérico de manipulação estética na pesquisa, através de inquietações surgidas na disciplina, esse objeto foi questionado, repensado, expandido, redescoberto e investigado, o “[...] que implica um movimento dinâmico de transformação em que a matéria recebe novas feições, pela ação artística” (SALLES, 2009, p. 76.). Assim, utilizei o fogo para queimar a caixa de fósforos como faço com os fios de cabelo utilizados como pigmento mostrado nos frames da Figura 4. Trouxe, no processo, a potencialidade de combustão da caixa de fósforos. Desse modo, o vídeo capturou todos os momentos da queima, desde o início, com a chama frágil, até a mais imponente, chegando ao seu último brilho. O vídeo tem duração de 4’ e 49”, gravado com uma Canon® T3i, em qualidade full HD, com versão final em formatomp4. A caixa de fósforos foi utilizada como o objeto da queima; na sua parte frontal, foram abertas fissuras com formato de mechas de cabelo, de onde era possível visualizar o processo de combustão no interior da caixa. (Anotações da autora em 15.11.2016)



Figura 4 – Andreza Pires, percurso criativo: frames do vídeo *Fiat*.

Seguindo essa inquietação, Pires, buscou referências aproximativas como Adrienne Antonson (Estados Unidos, 1982), que utiliza o cabelo para construir esculturas de animais e tramando outros códigos genéticos, utilizando mechas de outras pessoas. Com a cola de metilcelulose (CMC), modelou os cabelos como registra a própria artista:

Para que fosse possível modelar e retirar com facilidade a máscara do busto, revesti com plástico filme o rosto todo. Os resultados foram mais do que o esperado: as máscaras suscitam a presença de vidas que se cruzaram em um território poético, constroem uma trama social que só existe ali, instauram uma alteridade, indivíduos desconhecidos se sobrepõem entre si, deixando visualmente esse vestígio de um possível encontro. Por conta desses conceitos envolvidos intitulei esse trabalho como “Thesaurus da vida”, uma cadeia de nexos conceituais sobre a vida. [...] Apresentei as máscaras, num total de quatro, suspensas por fios finíssimos de Nylon dentro de caixas de acrílico transparente, dispostas verticalmente, uma embaixo da outra, despertando diversos entendimentos, como a hierarquia genética herdada dos nossos antepassados, presenças imaculadas em caixas, isolamento desses

rostos, entre outros. “[...] relações, pois o que é oferecido para o usuário são sugestões de associações, que podem ser portadoras de novas ideias a serem incorporadas pelo texto” (SALLES, 2008, p. 124). Assim, todas as sugestões colhidas ao longo do percurso foram incorporadas a uma rede infinda de interconexões que tornam esse projeto mais um grão para germinar, pois considero a criação ininterrupta. (Anotações da autora em 09.03.2017)



Figura 5 –Andreza Pires, *Thesaurus da vida*. Cabelo, CMC e acrílico, detalhe.

Outro trabalho que trazemos para discussão, neste artigo, é o percurso criativo de Rogéria Maciel, que vem utilizando, nas suas pesquisas artísticas, ouro e chumbo associados a bulbos orgânicos. Inicialmente, a artista acreditava que a provocação divergia das matérias usuais de sua investigação. Nessa perspectiva, uma primeira questão foi instaurada: “Como, então, associar este objeto cotidiano e ao mesmo tempo tão estranho, como material para construção de uma obra?” Tentando buscar uma possível resposta visual, Rogéria partiu do conceito de palimpsesto:

Convivi por cinco dias com a minha caixinha de fósforos apenas observando a sua forma e seu conteúdo, tentando retirar dali um conceito, para atender à provocação. Como o objeto não me respondia, a memória afetiva “acendeu uma luz”: as brincadeiras na infância, quando criava fogueiras em formato estrelar com os palitos de fósforos. Rememorei e retomei essa ação.

“Parada obrigatória para pensar”: canção obscura de 1970, do músico carioca Gonzaguinha (1945/1991).

Observei os carvões em que os palitos haviam se transformado. Retomei a minha pesquisa: A Natureza Vegetal – A Natureza Humana. Lembrei-me do Homem Absurdo, da Filosofia do Absurdo, do filósofo argelino Albert Camus (1913/1960).

O absurdo se extrai da “relação do homem com o mundo”. Não se encontra exclusivamente no plano das coisas nem está totalmente no lado humano. Destaca-se da relação do homem com o seu próximo, consigo mesmo e com a vida. O homem sente-se absurdo como ser “lançado” no palco da existência. O absurdo é, por isso, um “divórcio”, um “exílio”. Uma inadequação fundamental entre um ator (o homem) e o seu placo (o mundo). (CAMUS, 1989, p.14.). (Anotações da autora em 24.11.2016)

Com esses procedimentos, Rogéria passou a friccionar os carvões sobre um papel reciclado. Os papéis são feitos de árvores, pontuou a artista. O carvão ficou impregnado em suas próprias mãos. A sobra das cinzas a artista acondicionou em pequeno frasco, conforme mostra a Figura 7.

As mãos, como signos, invadiram o processo criativo de Rogéria. Como ferramentas da arte? Como gesto da fé, de cura, de garra? Ou como arma para a morte? As cinzas, o carvão, então, tornaram-se também, a partir dessas investigações, um significativo elemento catalisador para a poética: matéria, memória e conceito – tríade que consideramos significativa para a criação na arte contemporânea, conforme já se destacou anteriormente neste artigo.



Figura 6 – Processo criativo de Rogéria Maciel



Figura 7 – Rogéria Maciel, *Do fogo ao infinito*. Carvão, vidro, ouro, papel e madeira.

Por último, trazemos para discussão a obra de Lucas Alves, que, durante uma semana, carregou a caixa de fósforos na bolsa, usando, às vezes, os palitos para acender cigarros de algumas pessoas que, por vezes, haviam esquecido o isqueiro em casa, ao tempo em que se questionava: O que mais aquela caixa de fósforos poderia me trazer como reflexão?

Um dia, no ônibus, com mais calma, olhou para as palavras inseridas naquele objeto e lá estava, na parte superior esquerda, uma bailarina. Lançou outras palavras, e aproveitou os termos do rótulo, refletindo sobre os significados, apagou letras para surgirem outras novas, num processo de palimpsesto. Por fim chegou à metamorfose, em que a bailarina recebeu um gesto inacabado. A cada movimento traçado, quadro a quadro, Lucas insere, em um desenho animado, a busca por uma dança da liberdade.

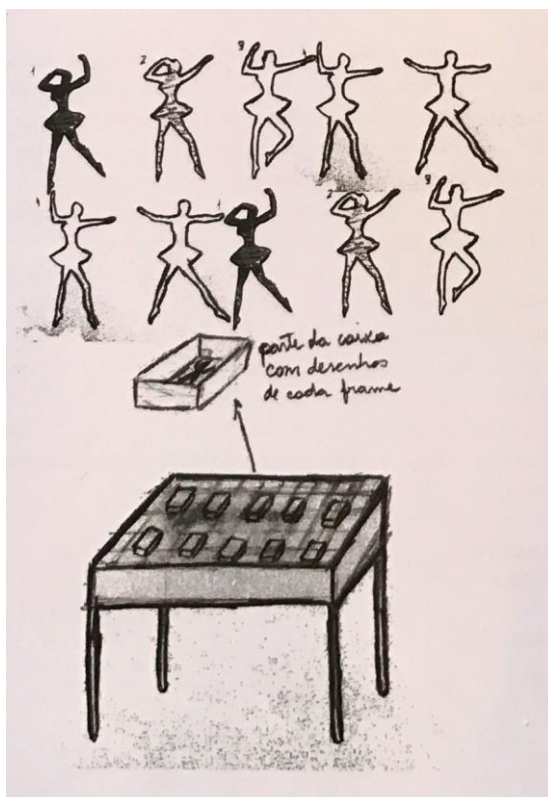


Figura 8 – Lucas Alves, *Moça*, estudo inicial.



Figura 9 – Lucas Alves, *Moça*. Desenhos, caixas de fósforos, vídeo, celular, madeira e vidro.
 1,20m x 50cm x 30cm.

Assim, os questionamentos práticos e conceituais foram constituindo as urdiduras e tramas do percurso criativo. Refletir sobre a construção desses “tecidos” foi importante para reconhecer que, quando o início do trabalho é coletivo, mas no fazer junto se potencializam as individualidades, torna-se possível definir cada fazer artístico em si mesmo, e as relações de alteridade, existentes no desenvolvimento da pesquisa artística, são compartilhadas na experiência. Elas, por sua vez, contribuíram para ampliar e aprofundar interesses de investigação de modo transdisciplinar, em que o sujeito foi, ao mesmo tempo, objeto e instaurador da reflexão, conforme acentua o Simpósio 10, escolhido para submissão deste artigo: memórias, experiências e invenções pedagógicas: compartilhando pesquisas narrativas em artes visuais.

Referências Bibliográficas

- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GORDILHO, Viga. *Terra Homem Signo, Uma Criação Plástica com Fibras, Pigmentos e Corantes naturais Brasileiros associados a possibilidades sintéticas*. Dissertação do Mestrado em Artes EBA/UFBA, com dois volumes: Universo Técnico, 103 p. e Universo Imaginário, 43p., com ilustrações. Salvador, 1995.
- SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. Ed. 4. SP: Annablume, 2009.
- . *Redes da Criação: construção da obra de arte* – Cecilia Salles. São Paulo: HORIZONTE/ VINHEDO, 2008. 176 p.
- Catálogo da 32ª Bienal de São Paulo, “*INCERTEZA VIVA*”, ocorrida de 7 de setembro a 11 de dezembro de 2016. São Paulo, SP.
- Dicionário Analógico Lexikon disponível em: <http://www.aulete.com.br/analogico>. Acesso em 06 de fev. de 2017.
- Biografia de Gonzaguinha disponível em: <https://www.google.com.br/#q=Gonzaguinha+biografia>. Acesso em 10 de fev. de 2017.

Ana Dumas

Artistamultimídia, com formação em Filosofia (UFBA) que se define como Ideas Jockeyou/J(DJ de ideias). Em 2009, criou o Carrinho multimídia, uma estação de arte e comunicação ambulante, inspirada nos trios elétricos e carrinhos de café baianos. Com o Carrinhomultimídia participou da II Trienal de Luanda (Angola, 2010), da 16ª Bienal de Artes de Cerveira (Portugal, 2011) e do Festival Gay Village (Itália, Roma, 2012). carrinhomultimidia@gmail.com

Andreza Pires

Designer de Moda e Artista Visual. Graduanda em Artes Plásticas (UFBA), pós-graduanda na Especialização em Moda, Arte e Contemporaneidade (UNIFACS) e Aluna especial do Mestrado em Artes Visuais (PPGAV-UFBA). Atua na área de pesquisa em processos criativos. Faz parte do grupo de pesquisa MAMETO, sob a orientação da Profa. Dra. Viga Gordilho. andreza_p.oliveira@hotmail.com

Viga Gordilho

Artista visual e Professora da EBA/UFBA. Realizou exposições individuais e coletivas em espaços culturais, museus e instituições, em várias cidades brasileiras, africanas e europeias. Autora de livros, textos e artigos sobre Processos Criativos em coletivos. Membro da ANPAP – Associação Nacional e Pesquisadores em artes Plásticas, desde 1996 e membro da Academia de Ciências da Bahia. vigagordilhoulba@gmail.com

Rogeria Maciel

Artista visual, Mestre em Processos Criativos pelo PPGAV, UFBA e professora universitária. Frequentemente participa de exposições, palestras e congressos. Executa gravuras, desenhos, esculturas, instalações. Cria e realiza projetos de curadoria, arte-educação e arte pública, enfatizando as questões sociais, ambientais e relacionadas à micropolítica. rogeriamaciemeira@gmail.com